

REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO E A METODOLOGIA EM PSICANÁLISE

Bárbara de Souza Conte¹

INTRODUÇÃO

Desde que fiz meu doutorado, o tema da metodologia em psicanálise inquieta-me. Minha tese foi teórico-conceitual, e muita discussão houve sobre a metodologia. Junte-se a isso a infundável questão sobre a cientificidade da psicanálise: a pesquisa em psicanálise é clínica/empírica ou a pesquisa é científica? Qual a relação que podemos estabelecer entre o método psicanalítico, a escritura de um texto e uma pesquisa? Estas são as interrogações que me impulsionaram a escrever este texto.

Parto do pressuposto de que a teoria do método psicanalítico é fundamento para sua cientificidade. Nessa perspectiva, a compreensão desse método pode se tornar fundamento para se pensar tanto a pesquisa psicanalítica enquanto *práxis* quanto a escritura de um texto psicanalítico que descreve a experiência específica da psicanálise – a experiência transferencial.

A Psicanálise é descrita por Freud (1922/1990) como *1) um procedimento que serve para indagar processos anímicos dificilmente acessíveis por outras vias; 2) um método de tratamento de perturbações neuróticas, fundado nessa indagação; e 3) de uma série de compreensões psicológicas, adquirida por esse caminho, que pouco a pouco se associam em uma nova disciplina científica* (p. 231)².

A psicanálise, como teoria e método, da mesma forma que o sujeito psíquico, em sua gênese e estruturação, recorrem a movimentos que geram história, engendrando diferenças, polaridades e conflitos que devem ir se resolvendo. Freud inicia seu trabalho como um método de investigação dos sintomas até chegar à compreensão de um método de tratamento e de uma nova ciência – Psicanálise. Vamos percorrer esse caminho.

As teorias antipositivistas definem que os processos se modificam não por acumulação nem por observação, senão por contraposição dos paradigmas. Uma teoria é tanto mais científica quanto mais procure falsear, refutar o que está predito pelas teorias

¹ Psicanalista, Doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madri, Membro Pleno do Núcleo de Estudos Sigmund Freud.

² As traduções das obras de Freud foram realizadas pela autora.

conhecidas. Assim, Freud (1895/1990) refuta a teoria de Charcot quanto à etiologia da histeria. Sustenta, na *Etiologia da Histeria*, que a sexualidade tem um papel fundamental na gênese do sintoma histérico, em contraposição a uma causa orgânica ou herdada. Rompe com Charcot e com a concepção psiquiátrico-médica da época, inaugurando a concepção que se chama *psicologia profunda*.

Formula a teoria do trauma e diz que os sintomas histéricos são reminiscências de cenas sexuais traumáticas. Esse é seu paradigma, em 1893, linear e pontual: se lembrada a cena, o sintoma é extirpado. O método utilizado, a partir desse paradigma, é a hipnose, e a técnica, a sugestão.

Em 1900, a partir do novo paradigma da *Interpretação dos Sonhos*, refuta o anterior. Descobre a resistência, o recalque e a censura. Desilude-se das histéricas, abandonando o trauma da sedução real e introduzindo as fantasias³. Amplia sua compreensão do sintoma para a compreensão de um aparelho psíquico, através da dinâmica do sonho. Modifica o método da hipnose para a análise e interpretação da transferência. A técnica da sugestão passa a ser a associação livre. A associação livre sustenta-se na associação que encontra entre os conteúdos dos elementos dos sonhos. O desejo se enlaça ao resto diurno. A formação do sonho percorre um caminho do pólo motor ao pólo perceptivo. O patógeno não é mais algo “infiltrado” que tem que ser extirpado: há correlações, há sobre-determinação do sintoma.

A mudança implica que a análise recorra os sistemas psíquicos e descubra as conexões ou falsos enlaces que dão origem à compreensão do aparelho psíquico. É a passagem da psicologia profunda à *psicanálise*.

Assim, Freud constrói uma teoria do aparelho psíquico, sendo a metapsicologia sua sustentação teórica, e o método da interpretação, a ferramenta de acesso ao inconsciente, através da análise de suas produções: a transferência, os sintomas e os sonhos.

O MÉTODO PSICANALÍTICO DA INTERPRETAÇÃO

³ Em sua carta 69 a Fliess, na qual apresentava os motivos de sua desilusão, um desses motivos apresentados era o de que “no inconsciente não haveria um signo de realidade, de modo que não se poderia distinguir a verdade da ficção investida de afeto”, ou seja, a cena de sedução era real ou fantasiada?

O método psicanalítico, como vimos, tem seu começo na compreensão da histeria. A hipnose e seu procedimento catártico são instrumentos para que o sujeito possa recordar eventos esquecidos, que estão na base do sintoma para liberar os afetos perturbadores relacionados a esses eventos. Dessa experiência, Freud (1903/1990) descobre que as amnésias (esquecimentos) são resultantes de um processo chamado *recalque*, que separa o desprazer da idéia correspondente, gerando resistência para que se reproduza a associação entre a idéia e esse afeto. Entre o material recalçado e a consciência se produzem desfigurações que guardam relação com o desfigurado e que permitem que o material inconsciente torne-se consciente.

Este recorrido entre o consciente e o inconsciente é alcançado por meio da *interpretação*, que Freud (1903/1990) tem definido como *uma arte destinada a extrair do mineral em bruto das ocorrências não deliberadas o conteúdo metálico de pensamentos reprimidos* (p. 239). Estamos em 1903, quando Freud (1990) começa a lançar as bases de seu método revolucionário de interpretação do material inconsciente encontrado sob a ação do recalque. O trabalho interpretativo que em 1895 recaí, principalmente, sobre as ações sintomáticas, é ampliado para os sonhos em 1900. Em 1901, Freud (1990) “descobre” a transferência e, desse modo, a interpretação recaí sobre a análise da transferência, ou seja, dos sentimentos depositados pelo analisando no analista, e que poderiam se transformar em um obstáculo para a continuidade do tratamento, conforme descreve no epílogo do caso Dora, cinco anos depois.

Cabe ressaltar que os casos das mulheres estudados por Freud e Breuer nos *Estudos sobre a Histeria*, bem como a análise de seus sonhos, através da correspondência com Fliess, e o fracasso do caso Dora, demonstram como o método de investigação da psicanálise vai proporcionando a montagem da teoria psicanalítica. E mais, ao escrever os históricos clínicos e a interpretação dos sonhos, ensina-nos a correlação entre a clínica e a teoria. Seu trabalho clínico é questionado e revisado, gerando nova compreensão. Aparece, claramente, a superposição entre o trabalho investigativo e a aplicação do método de tratamento, gerando a *nova disciplina científica*, a Psicanálise.

Interpretar, para Freud, então, é recorrer do consciente ao inconsciente os caminhos que resultam na produção do fenômeno. *Deutung*, deste modo, uma explicação, uma aclaração, que determina sua *bedeutung*, sua significação. A arte de interpretar é a técnica que consiste em comunicar ao paciente algum sentido sobre o que

é produzido a partir do inconsciente. Interpretar não tem como objetivo um sentido único e final de compreensão, senão uma visão possível acerca de um objeto.

Desta forma, destaco a arte da interpretação como uma noção de trabalho, de trabalho de pesquisa que implica uma metodologia da compreensão de um fenômeno através da explicação de sua significação. O trabalho nessa compreensão assemelha-se ao trabalho de elaboração de um luto, no sentido de que há um desligamento, um desinvestimento da energia e do investimento posto no objeto. *Ablösung* é desligar, romper as amarras, inclusive a ruptura de enlaces, mas também indica reposição, troca. Assim, quando se efetua um trabalho de luto, desfazem-se os investimentos e se destecem as tramas que envolvem o sujeito com o outro – objeto.

Quero demonstrar, ou melhor, fazer trabalhar a idéia de que podemos aproximar o método da psicanálise ao método utilizado para escrever uma tese, ou desenvolver uma metodologia de pesquisa no campo da psicanálise. Na interpretação, tanto na área transferencial como na interpretação e escritura de um texto, ou de uma pesquisa, leva-se em conta a subjetividade, o inconsciente, a realidade dada, o “oculto”, o estranho, o recalcado que tem que surgir.

O INCONSCIENTE – Lógica do fundamento e do fundado

Dois elementos se sobressaem nessa perspectiva: o subjetivo e a alteridade. O subjetivo, como disse anteriormente, tem a ver com o inconsciente, o estranho / familiar, o processo do tornar-se psíquico. A alteridade, na interpretação, é a função do analista, o ato analítico. Na escrita de uma tese, ou de uma pesquisa, temos os leitores, os orientadores, a comunidade acadêmica, científica e de pares.

Vamos partir do primeiro elemento que é o inconsciente. Freud (1915/1990) começa seu trabalho sobre o inconsciente dizendo que *a partir de vários ângulos nos impregna o direito de supor algo anímico inconsciente e trabalhar cientificamente com esse suposto. Por outro lado, podemos dizer que o suposto do inconsciente é necessário e legítimo e que possuímos numerosas provas a favor da existência do inconsciente* (p. 163). Quando fala do inconsciente como necessário, fá-lo contrapondo-o à consciência e demonstrando que ela é lacunar e abarca um conteúdo exíguo.

Quanto à legitimidade, Freud (1915/1990) sustenta que, *pela investigação analítica chegamos a saber que uma parte desses processos latentes possuem*

características e peculiaridades que nos parecem estranhos e incríveis, e contrariam diretamente as propriedades da consciência que nos são familiares (p. 166). Entendemos, dessa forma, que o processo temporal do sujeito não se dá por desenvolvimento ou progressão, mas sim pela oposição ou negação entre os sistemas inconsciente / pré-consciente – consciente.

No texto *O inconsciente*, Freud (1915/1990) busca uma distinção que funda a separação tópica dos dois sistemas, diferença qualitativa (teoria da dupla inscrição da Carta 52), que indaga se uma representação inconsciente torna-se inconsciente porque sofre uma mudança de estado, ou é a mesma inscrição com diferença econômica e quantitativa, que é investida e desinvestida (teoria econômica da tópica e dinâmica do recalçamento). Essa dicotomia é “solucionada” na medida em que o inconsciente objetiva, antes de tudo, *fundar a independência e a coesão dos dois sistemas*.

Para que algo se desloque na tópica, existe energia. A energia é livre ou ligada, porém circula por repetição, abrindo caminho para a temporalidade, a causalidade psíquica e a compulsão de repetir. A história ou o realismo do inconsciente, através da repetição e da posterioridade, faz com que nos encontremos com o antigo e com o novo, com o retorno do recalçado e com a possibilidade de criação.

ALTERIDADE – Desconstrução e reconstrução na produção de teoria

Em minha proposta, passamos a examinar a alteridade desde a perspectiva da desconstrução e da presença de outro como leitor ou par intelectual na produção de teoria.

Freud⁴ (1937/1990) não propõe uma teoria da reconstrução, porém chega a uma proposta de autoconstrução mais globalizante, menos submetida ao não traduzido da repetição. Isto ocorre não por meio da dissipação da amnésia, senão através de desconstruções das construções antigas, como uma maneira de suspensão parcial do recalque. Os elementos que ficam disponíveis em razão da utilização do método, ou

⁴ Conforme discussão encontrada em seus dois artigos de 1937: *Análisis terminable e interminable e Constucciones en el psicoanálisis*.

seja, recordações, cenas e experiências, podem se organizar e reconstruir a defesa do recalque frente ao não traduzido e repetido⁵.

A noção de desconstrução é reconhecida a partir de Derrida (1995), quando afirma que *a noção de desconstrução parte de um certo dentro, mas nada vai se mover sem a provocação radicalmente não reapropriável do fora e do outro. Razão pela qual a desconstrução do logocentrismo produziu-se e produziu um certo número de cadeias conceituais a partir da resposta a uma provocação que vinha do fora* (p. 25).

Em psicanálise, a concepção de descentramento quer dizer tirar de foco a noção racionalista do conhecimento centrado no sujeito consciente, deslocando o foco para o inconsciente. A noção de inconsciente tem possibilitado nova forma de conhecimento, assim como tem negado a possibilidade de um conhecimento absoluto. Nem tudo é dito, nem tudo é conhecimento e nem tudo pode se reorganizar no psiquismo; porém, a intervenção faz brotar algo, recoloca, no processo, novos elementos. Gadamer (1992) nos aponta, na mesma direção de Derrida, que *o entramado das relações de sentido que subjazem na fala e, portanto, o conceito ontológico de écriture, deve dissolver a unidade de sentido e levar-se a cabo, assim, a verdadeira ruptura da metafísica* (p. 355).

“Desmontar”, ou mais especificamente, desconstruir um texto é a estratégia de pensamento que permite trazer à luz o recorte teórico-metodológico dentro do que trabalha o autor. A desconstrução explicita, abre o texto, e traz à luz os pressupostos teóricos que estão na base de sua construção. *A desconstrução objetiva transformar e redefinir o texto a partir de novos sentidos que surgem como resultado de deslizamento operado* (Minerbo, 2000, p. 33).

Vários elementos foram apresentados, e a partir dos quais se pode pensar. A alteridade, como nos colocamos frente ao texto, habilita-nos a “entrar” nele e abrir brechas que confrontem a teoria do texto com um novo, que nos é colocado a partir de novas interpretações. Por meio dessa desconstrução, algo transformador e produtivo pode se revelar e, assim, produzir novos sentidos, conhecimento e teorias. Essa idéia de “desmontar” remete à busca de elementos que nos colocam diante da nova lógica do

⁵ Jean Laplanche também desenvolve uma discussão sobre a questão que abarca o que pode se reconstruir, em seu texto *La interpretación entre determinismo y hermenéutica. Un nuevo planteo de la cuestión*, no livro *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires. Amorrortu. 1996.

texto e, a partir daí, ampliam-se as formas de compreensão do que estamos desvendando. Ampliamos, desse modo, as maneiras de reorganização.

Portanto, no processo de escritura de uma teoria, como em qualquer processo criativo, o sujeito se enreda com o objeto que deve descobrir ou criar para logo poder se desprender dele⁶. Confunde-se em um movimento reflexivo para, logo, interpretar e estabelecer a diferença que dará origem a seu texto.

Outro ponto que apresento como alteridade no trabalho de escrever uma tese ou uma pesquisa é a presença do outro como editor. O questionamento apresentado no artigo *A universidade deve formar autores?* (Ribeiro, 2003) é uma mesa redonda que propunha debater o tema “edição e editoração de teses acadêmicas”, sendo que havia mais pessoas na mesa do que na platéia, o que leva à mesa a ter de se perguntar o que isso significa. Chegam à conclusão de que o tema desagrada e incomoda, porque os editores representam a exterioridade, os extramuros que contrastam com a produção ou reprodução dos intramuros institucionais. A alteridade é o exterior que se insere na subjetividade, nesse caso, do autor, e que pode representar tanto a crítica como o reconhecimento. Essa situação ilustra a reação frente ao subjetivo exposto ao outro: inibição, medo à crítica ou possibilidade de reconhecimento, que implica necessariamente esta passagem do outro pelo sujeito (ou pelo seu texto).

Portanto, quero salientar que o inconsciente e a presença do outro são as peças fundamentais para o método psicanalítico, a escritura da tese em psicanálise e a pesquisa clínica.

METODOLOGIA OU MÉTODO NA PESQUISA?

Freud (1914/1990), em seu texto *Introdução ao Narcisismo*, faz a diferença entre uma teoria especulativa (averiguada minuciosamente) e a ciência construída sobre a interpretação da empiria, da experiência. A primeira busca os fundamentos e sua confirmação; a segunda espera apreendê-los no curso de seu desenvolvimento como ciência e está disposta a modificá-los por outros. Tais idéias não são o fundamento da ciência, sobre a qual descansaria tudo, mas sim a própria observação.

⁶ Encontramos no trabalho de Rosemary Arrojo, *Tradução, desconstrução e psicanálise*, uma interessante discussão sobre essa relação, mais especificamente no capítulo 8. Imago. Rio de Janeiro. 1993.

Assim sendo, a investigação empírica, ou investigação sistemática, como vem sendo chamada por alguns autores, não se tornam incompatíveis ou ameaçadoras ao método clínico; ao contrário, submetem o trabalho clínico às indagações teóricas que revitalizam a psicanálise. Este ponto de vista é o quero deixar bem claro: os questionamentos da clínica têm que ser reavaliados através da pesquisa e dos escritos psicanalíticos em nosso tempo, a partir das especificidades da cultura em que vivemos hoje.

A interpretação, como método clínico, não visa a atribuir sentido; ao contrário, deve ampliar o sentido, fazendo circular, no psiquismo e no espaço de transferência, representações ou significantes que ofereçam novas possibilidades de simbolização. Da mesma forma, a produção científica, nessa perspectiva de empiria ou de análises sistemáticas, *deixa passar em branco o “atético” do texto, ou seja, o movimento de sentido que não chega a se fixar em “teses” e que, ao contrário, lança permanentemente as “teses” para além e para aquém de si mesmas* (Figueiredo, 1999, p. 18).

Corroboro com as idéias de Widlocher (2003), em seu texto *O lugar da pesquisa clínica em psicanálise*, quando pontua que o fundamento da prática psicanalítica é de natureza intersubjetiva, supõe complexidade e individualidade do caso. A individualidade do caso, ou seja, aquilo que procurei demonstrar anteriormente quanto ao inconsciente e constituição do psíquico se enlaçam com a alteridade que representa a cultura, os pares, os editores, os leitores e, especificamente, a relação transferencial. Essa complexa rede, que se arma entre o dentro e o fora do sujeito e de suas produções, é que produz um conhecimento criativo e singular.

Assim, a prática e a investigação supõem fundamentos comuns: a relação intersubjetiva que leva em conta o inconsciente, uma teoria do aparelho psíquico e de seu funcionamento e a alteridade. A repetição e a posterioridade criam um movimento histórico e temporal que se recoloca no atual e pode ser (re)conhecido. Se colocado dessa forma, como restringirmos a pesquisa a um experimento científico? Não é demais lembrar que os históricos clínicos da histeria – principalmente o de Anna O. – e o método psicanalítico são indissociáveis. É o nascimento da psicanálise que ali está escrito, a partir do relato dessas histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Derrida, J. Entrevista 1. Em Costa, R. (Org.). (1993). Limiares do Contemporâneo. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. (1999). Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1990). Fragmento de análisis de un caso de histeria. Obras Completas. (Vol. 7, pp. 1-107). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Original publicado em 1901).
- Freud, S. (1990). El método psicoanalítico de Freud. Obras Completas. (Vol. 7, pp. 232-242). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Original publicado em 1903).
- Freud, S. (1990) Introducción del narcisismo. Obras Completas. (Vol. 14, pp. 65-98). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1990). Lo inconciente. Obras Completas. (Vol. 14, pp. 153-201). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (1990). Dos artículos de enciclopedia: “Psicoanálisis” y “Teoría de la libido”. Obras Completas. (Vol. 18, pp. 226-267). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Original publicado em 1922).
- Gadamer, H. G. (1992). Verdad y Método. (Vol. 2). España: Sígueme. Salamanca.
- Widlocher, D. (2003). O lugar da pesquisa clínica em psicanálise. Em Green, A (Org.). Psicanálise Contemporânea. Número especial da Revista Francesa de Psicanálise. Imago e Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. 51-64.
- Minerbo, M. (2000). Estratégias de investigação em psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ribeiro, R. J. (2003). A universidade e a vida atual. Fellini não via filmes. Rio de Janeiro: Campus. p.202-207.

Contato:

Bárbara de Souza Conte
Rua Tobias da Silva, 99 conj. 505
Porto Alegre – RS

Cep: 90570-020

Fone: (51) 3222.9307

E-mail: barbara.conte@globo.com.br